

## ECOLINGUÍSTICA, LINGUÍSTICA ECOSISTÊMICA E ANÁLISE DO DISCURSO ECOLÓGICA (ADE)

---

ELZA KIOKO NAKAYAMA NENOKI DO COUTO\*

HILDO HONÓRIO DO COUTO\*\*

---

### RESUMO

O paradigma ecológico já vem sendo seguido por representantes de praticamente todas as ciências sociais. Por isso, o objetivo do ensaio é mostrar como ele tem sido aplicado no estudo dos fenômenos da linguagem, sob o nome de Ecolinguística. Começamos por uma visão de conjunto das iniciativas nesse sentido. Em seguida, apresentamos em relativo detalhe a versão da jovem disciplina chamada de Linguística Ecosistêmica, cujo nome se deve ao fato de partir da visão ecológica de mundo expressa não só na Ecologia Biológica, mas também na Social e na Filosófica, como a Ecologia Profunda. O texto se completa com uma exposição da mais jovem ainda Análise do Discurso Ecológica (ADE) que, diferentemente das análises do discurso tradicionais, enfatiza a vida (de todas as espécies) e luta contra tudo que possa trazer sofrimento aos seres vivos. Se as ideologias são inevitáveis, a ADE subscreve a ecoideologia, não as ideologias políticas com respectivas relações de poder. Ela não ignora as últimas, mas não faz delas o item mais importante. Em vez do conflito implícito nessas ideologias, a ADE enfatiza a harmonia.

PALAVRAS-CHAVE: Ecolinguística, Linguística Ecosistêmica, ADE, Harmonia.

---

\* Pós-doutora em Linguística pela Universidade de Brasília (UnB), Brasília, Distrito Federal, Brasil, e doutora em Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo, São Paulo, Brasil. Professora Adjunta na Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, Goiás, Brasil. E-mail: kiokoelza@gmail.com

\*\* Doutor em Linguística pela Universidade de Colônia, Colônia, Remânia do Norte-Vestfália, Alemanha. Professor pesquisador na Universidade de Brasília (UnB), Brasília, Distrito Federal, Brasil. E-mail: hildodocouto@gmail.com

## 1. INTRODUÇÃO

A Ecolinguística é uma disciplina relativamente jovem. Ela surgiu no início da década de 70 do século passado e se consolidou no início da de 90. Em geral, reportando-se a Haugen (1972), ela tem sido definida como sendo o estudo das relações entre língua e seu meio ambiente. Tanto o prefixo ‘eco-’ quanto a própria definição da disciplina apontam na direção da Ecologia que se pratica no âmbito da Biologia. Na Ecologia, ‘meio ambiente’ (MA) é um componente do ecossistema, é o lugar em que determinada espécie ou grupo de espécies vivem e seus membros interagem entre si. Por isso, ‘ecossistema’ é definido como sendo composto de uma população de organismos e suas inter-relações (interações) com o respectivo *habitat* (nicho ecológico, biótopo, território, MA), dependendo do ponto de vista, bem como das interações dos organismos entre si. Como a expressão meio ambiente tem dado lugar a mal-entendidos, sugerindo uma associação direta apenas com a questão do ambientalismo, cremos que uma definição melhor para a disciplina seja a de que *Ecolinguística* é o estudo das interações entre língua e seu contexto social, mental e natural, via população. Outra possibilidade de dizer a mesma coisa seria: Ecolinguística é o estudo das inter-relações linguísticas que se dão no nível social, no mental e no natural. Ambas definições evitam uma reificação da língua, implícita na definição de Haugen.

O que acaba de ser dito suscita uma questão epistemológica da maior relevância. Por isso, antes de falar sobre os conceitos ecológicos, é importante ressaltar que, para algumas teorias linguísticas, a língua é um fenômeno eminentemente social. É o caso da Sociolinguística, da Análise do Discurso e outras. Para outras, como a Gramática Gerativa, a língua é quase que exclusivamente mental, fato que Chomsky tem salientado desde seus primeiros escritos. Para outras orientações, inclusive algumas correntes filosóficas, a língua existe para nos relacionarmos com o mundo, para falarmos dele, como na tradição metafísica e no materialismo dialético, por exemplo. Para a Ecolinguística, ela é tudo isso, ou seja, social, mental e social ao mesmo tempo. Ela é *biopsicossocial*, uma vez que os três aspectos não se dissociam um do outro.

## 2. OS FUNDAMENTOS ECOLÓGICOS

Sabemos que ecossistema é o conceito central da Ecologia. A tal ponto que ela poderia perfeitamente ser chamada de “Ecossistêmica”, sem nenhuma perda conceitual. Por outro lado, poderíamos também definir Ecologia como sendo “estudo dos ecossistemas”. Isso porque tudo na Ecologia emerge do ecossistema ou imerge nele. Aí estão inclusas suas propriedades e/ou características. Além da já mencionada (a) interação, temos ainda (b) a diversidade, (c) a abertura, (d) o holismo, (e) a adaptação, (f) o caráter dinâmico (evolução), (g) a visão de longo prazo (h), entre outras. Passemos em revista cada uma delas, a fim de entendermos melhor a importância da visão ecológica de mundo no estudo dos fenômenos da linguagem.

Um primeiro princípio que deve ser observado é o do *holismo*, que se explica pelo fato de, uma vez delimitado pelo observador, o ecossistema passar a ser encarado como um todo, mesmo quando ele se debruça sobre o comportamento de uma única espécie e até mesmo de um único espécime. Ele estuda as inter-relações que esse espécime (ou essa espécie) mantém no interior de *todo* o ecossistema que ele delimitou. No caso da língua, há inter-relação da sintaxe com a entoação, para não dizer com a morfologia, com a fonologia e com o léxico, por exemplo, por mais que a gramática gerativa queira negá-lo. A sintaxe tem a ver até mesmo com a ecologia da interação comunicativa. Até recentemente pensávamos que “língua” era aquilo que os gramáticos normativos apresentavam em seus livros, juntamente com um dicionário, também altamente normativo, pois não ele inclui palavras populares, por mais usadas que sejam. No entanto, aquilo que os gramáticos nos revelam é uma pequena parte da língua real. Além disso, temos a exterioridade da linguagem, sua exoecologia.

Delimitado o ecossistema, encarado holisticamente, o que há de mais relevante em seu interior é a *interação*, ou inter-relação. O que interessa ao ecólogo que vai estudar um ecossistema não é diretamente a população de organismos que o compõe nem seu *habitat*, mas essas interações, as que se dão entre organismo e *habitat* (interações organismo-mundo) quanto as que têm lugar entre quaisquer dois organismos (interações organismo-organismo). Em Linguística Ecossistêmica (LE), as primeiras equivalem à significação (referência, denotação) e

as segundas à comunicação (interação comunicativa). A interação é a base de tudo na Ecologia e, conseqüentemente, no ecossistema. Ela é também a base para a definição de língua, constituída pelas interações verbais no interior do ecossistema linguístico.

Para que o ecossistema seja dinâmico e apresente uma alta vitalidade, é de fundamental importância que haja uma grande *diversidade* de espécies em seu interior. Quanto mais variedades de espécies houver, mais sólido ele será; quanto menos espécies, mais frágil. Isso vale não só para a natureza, mas também para a cultura, aí inclusa a linguagem. Por exemplo, se a Índia tivesse uma única língua, como o hindi, seria muito mais pobre culturalmente do que é com suas mais de 16 línguas oficiais e muitas outras línguas de minorias.

A ideia de diversidade nos leva a aceitar não só o multilinguismo, situação comum em diversas partes do mundo, como na África, em certas áreas indígenas do Brasil (como o Parque Indígena do Xingu, Alto Rio Negro), bem como algumas regiões da Europa, como Bruxelas. O europeu moderno é altamente aberto ao multilinguismo, uma vez que convive com diversas línguas, às vezes até em seu dia a dia. A aceitação da diversidade leva também a certa benevolência para com os dialetos. Os ditadores gostariam que seu país tivesse uma única língua monodialeto, o que seria uma situação muito pobre. Enfim, a diversidade estimula aceitar os modos de falar diferentes do nosso, a língua e o dialeto do outro.

O ecossistema, mesmo delimitado pelo observador, não se apresenta separado do mundo circundante. Pelo contrário, ele envia e recebe matéria, energia e informação a todo instante. Por isso, apresenta também a característica da *porosidade*, às vezes também chamada de abertura. Ela tem muito a ver com as estruturas dissipativas do físico Ilya Prigogine. Enfim, há um fluxo constante entre os ecossistemas, quando não pelo fato de não estarem separados por fronteiras claramente delimitadas. O ecossistema é delimitado pelo observador, que estabelece uma linha imaginária separando o segmento que deseja investigar do restante da imensa teia que é a natureza. Mesmo assim ele é estruturado, é um sistema, porque é *ecossistema*. As interações que se dão em seu interior seguem alguns princípios, elas não são inteiramente aleatórias. No caso da língua, sabemos que ela não é uma estrutura fechada, como,

aliás, o próprio precursor da Ecolinguística (Edward Sapir) já havia notado. Por fim, o conceito de porosidade é útil na delimitação do domínio das línguas, problema que tanto atormentou os dialetólogos do século XIX, que não conseguiam ver limites claros entre os dialetos. O conceito de ecossistema linguístico soluciona o problema.

Todos os organismos de um ecossistema estão sempre se adaptando ao meio e uns aos outros. A *adaptação* é muito importante para a sobrevivência das espécies e de cada espécime de organismo que as compõe. O darwinismo havia enfatizado a competição e a sobrevivência do mais forte (ou do mais apto), no entanto, estudos mais recentes têm demonstrado que as espécies que têm mais chances de sobreviver são justamente as que mais se adaptam às novas circunstâncias. Do mesmo modo, as línguas estão sempre se adaptando às novas situações em que seus usuários se encontram. Na dinâmica da língua, a adaptação pode ser vista até na interação comunicativa, em que o falante procura se expressar como acha que o ouvinte entenderia e o ouvinte procura interpretar o que ouviu como acha que é o que o falante quis dizer. Comunicar-se é adaptar-se. Manter uma comunidade íntegra implica uma adaptação constante. Do contrário, teríamos um *bellum omnium contra omnes*. A adaptação está intimamente associada a outro conceito da Linguística Ecossistêmica, a comunhão. Aprender língua é adaptar-se, línguas transplantadas se adaptam ao novo contexto e assim por diante.

Uma consequência da adaptação é a mudança em determinados aspectos do ecossistema. Por isso a *evolução* é outra característica de vital importância para a sobrevivência do ecossistema. Ela se dá ao acaso, mesmo que no sentido da Teoria do Caos. O mesmo acontece com a língua. Como disse Coseriu (1979), a língua existe porque muda, ela não pode funcionar senão mudando. Até na aprendizagem da língua dos pais pela criança há mudança, pois, como disse Mufwene (2001), ela sempre replica de modo imperfeito a linguagem deles, o que acarreta evolução. Uma língua que não mudasse, como querem os gramáticos normativistas, morreria em poucas gerações, uma vez que não se adaptaria, não serviria mais como meio de comunicação no novo contexto. Enfim, a evolução parece ser o verso da moeda cujo reverso é a adaptação.

Poderíamos falar ainda da *sustentabilidade* e da *visão de longo prazo*, embora elas pareçam ter a ver mais com a atitude dos humanos para com o ecossistema. A natureza não tem pressa. Portanto, não faz muito sentido falar-se em ‘proteção da natureza’, ‘defesa do ecossistema tal’ etc. Ela segue seu curso conosco ou sem nós. O que fizermos com ela (ou nela) agora, mesmo que nos pareça anódino, poderá ter consequências daqui a muitos anos. Por exemplo, ninguém sabe se haverá uma reação à retirada voraz de óleo (petróleo) das entranhas da terra. Hoje não percebemos nenhuma consequência disso, mas, quem pode garantir que não haverá alguma em um século, ou até em cinquenta anos? Na língua, essas categorias têm a ver que questões de letramento.

Retornemos à questão da Linguística Ecológica. Não é à toa que ela tem esse nome. Ela é parte da Macroecologia, portanto, não é uma linguística que pinça conceitos da Ecologia e os traslada e os enxerta nos estudos linguísticos. Pelo contrário, ela é uma parte da própria Ecologia. Quem a pratica está partindo da Ecologia para estudar esses fenômenos, não o contrário. Tanto que outro nome para ela é Ecologia Linguística, não Linguística Ecológica, praticada por muitos ecolinguistas.

### 3. ECOSISTEMAS LINGUÍSTICOS

Desde Haugen (1972), a Ecolinguística vem sendo definida como sendo o estudo das interações entre língua e meio ambiente ou mundo. Infelizmente, porém, o criador da disciplina achava que o único MA da língua era a sociedade. A Linguística Ecológica mostrou que, na verdade, a língua está relacionada a um MA natural, um mental e um social, além do integral, que abrange os três. Como o MA (*habitat*) de qualquer espécie é parte integrante do ecossistema, vamos falar aqui de *ecossistemas linguísticos*, no interior dos quais os falantes se relacionam com o respectivo MA verbalmente. Trata-se das já vistas relações indivíduo-mundo (referência) e indivíduo-indivíduo (comunicação).

O ecossistema linguístico que mais salta à vista é o *ecossistema natural da língua*, constituído por um povo (P) específico, como os

índios kamayurás, convivendo em determinado lugar do Parque Indígena do Xingu que é seu território (T) e interagindo verbalmente pelo modo tradicional de interagir, que é sua língua (L), o kamayurá. Tudo que tem a ver com a língua como fenômeno específico de uma espécie de ser vivo, ou seja, com suas manifestações naturais. Por isso, representamo-la por  $L_1$ , uma vez que ela pode ser vista também como um fenômeno mental ou social. No interior do ecossistema natural da língua, temos o *meio ambiente natural da língua*, constituído por  $P_1$  e  $T_1$ , como seres concretos, que têm nomes próprios. Resumindo, esse ecossistema consta de  $P_1T_1L_1$  e, em seu interior, o MA em que se dão as interações linguísticas é constituído de  $P_1T_1$ .

Quando focamos a atenção na língua em cada indivíduo da população, notamos que ela foi formada, está armazenada e é processada no cérebro deles. As inter-relações da língua no interior desses cérebros (ou mentes) se dão nas conexões entre os neurônios (axônios e dendritos). Representaremos língua como fenômeno mental por  $L_2$ , o conjunto de inter-relações mentais (gramaticais, lexicais, interacionais etc.).  $P_2$  está para a parte do indivíduo da população que interessa, ou seja, a mente, e  $T_2$  representa o cérebro de cada indivíduo da população, o “território”, ou *locus* da língua como fenômeno mental. Dentro desse *ecossistema mental da língua*, temos o *meio ambiente mental da língua*, constituído de  $P_2$  mais  $T_2$ .

Por fim, se encararmos a língua como fenômeno social (aqui representada por  $L_3$ ), como o próprio Haugen havia feito, notamos que ela se encontra no seio da população como um conjunto de indivíduos organizados socialmente ( $P_3$ ), a coletividade, cuja totalidade constitui a sociedade ( $T_3$ ), que é o *locus* das interações sociolinguísticas. Nesse caso, o *meio ambiente social da língua* é esse conjunto de indivíduos considerados como seres sociais ( $P_3$ ) juntamente com a totalidade de indivíduos encarada como sociedade ( $T_3$ ).

Como proposto filosoficamente por Leonardo Boff, há um quarto ecossistema, no nosso caso, o *ecossistema integral da língua*, no caso dele a ecologia integral (BOFF, 2012). Ele é assim chamado porque integra os três outros; é a língua encarada holisticamente. Em seu interior, temos o *meio ambiente integral da língua*, formado é P e T, considerados genericamente, ou seja, P não é um conjunto de indivíduos

concretos e T não é um território concreto. Esse ecossistema equivale à *comunidade*, dividida em comunidade de língua e comunidade de fala. A *comunidade de língua* é o domínio de determinada língua da perspectiva do sistema. Assim, a comunidade de língua portuguesa abrange Portugal, Brasil, Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe e Timor Leste, independentemente de se está sendo usado no momento ou não. A *comunidade de fala*, em consonância com o ecossistema biológico, é qualquer agrupamento relativamente estável de pessoas (P), convivendo de modo constante em determinado lugar ou território (T) e interagindo pelo modo local de interagir (L). O linguista ecossistêmico pode delimitar o Brasil inteiro como a comunidade de fala que vai estudar. Mas, pode delimitar também só Minas Gerais, o Triângulo Mineiro, Uberaba ou um bairro de Uberaba. Pode demarcar até domínios menores, como um quarteirão, em que houvesse uma comunidade de estrangeiros, ciganos ou outro tipo de pessoas que se distinguissem dos demais do local.

Como se pôde ver, quando falamos em meio ambiente da língua, estamos nos referindo a pelo menos quatro coisas. Tudo depende da pergunta que o investigador fizer. Se ele perguntar se ela é uma realidade genérica, específica do ser humano, seu ecossistema será o integral. Ele pode ainda querer saber se ela é algo natural, mental ou social. Se indagar se ela é um fenômeno natural, a resposta será afirmativa, uma vez que ela tem um aspecto de ondas sonoras, é usada por seres de natureza física (biológica), para falar de “coisas” do mundo (referência) etc. Se perguntar se ela é um fenômeno mental, obterá uma resposta também afirmativa. Por fim, se quiser saber se ela é social, ficará sabendo que ela o é. Vale dizer, linguístico-ecossistemicamente, a língua é tudo isso ao mesmo tempo. Ela é um fenômeno **biopsicossocial**, termo que surgiu nos estudos de saúde.

Nem todos os ecolinguistas adotam esta postura ecossistêmica. Entre os que o fazem destacam-se o filósofo da linguagem alemão Peter Finke, seu discípulo linguista Wilhelm Trampe, além de Hans Strohner, da Escola de Odense (Jørgen Døør e Jørgen C. Bang, Sune Steffenson etc.), do catalão Albert Bastardas i Boada, do húngaro-americano Adam Makkai, de Mark Garner e outros. Strohner (1996) foi o primeiro a usar a expressão linguística ecossistêmica (*ökosystemische*



*Sprachwissenschaft, ökosystemische Linguistik*) por escrito. Ele foi também um dos primeiros a falar em metodologia no seio da Ecolinguística, embora usando conceitos ecológicos como metáforas, ou seja, de fora para dentro, não de dentro para fora.

Agora podemos formular a pergunta: O que estudaria a Linguística Ecosystemática? Ela é o ramo da Ecolinguística que estuda na linguagem tudo aquilo que pode ser explicado naturalmente partindo do conceito de ecossistema e de suas características e/ou propriedades. Isso tem muitas implicações relevantes para a Ecolinguística. Uma das mais importantes é a de que a língua é, antes de mais nada, interação comunicativa por meio de palavras, uma vez que língua equivale às inter-relações (interações) da Ecologia. Em vez da “metáfora ecológica”, a Linguística Ecosystemática parte do ‘ponto de vista ecológico’, como disse Peter Finke (2001, p. 87), parte não ‘do ponto de vista lógico’, de Willard Quine. Para Makkai (1993, p. 71), “a língua não é um conjunto de ‘objetos’ mas uma rede de inter-relações”, como as da Ecologia Biológica.

Há duas vantagens na concepção de língua como sendo uma teia de inter-relações ou interações. A primeira é que, a despeito de partir da ‘interação comunicativa’, ela contém em si o conceito de sistema. Como diz a teoria da comunicação, para que uma mensagem enviada pelo falante ao ouvinte seja entendida na íntegra por este, é necessário que ela tenha sido formulada na linguagem que ele conhece. No caso presente, essa linguagem (sistema) está subordinada às regras interacionais. A segunda é que assim concebida, a língua não é reificada, não é encarada como uma coisa localizada em algum lugar e que é um instrumento para se fazer isso ou aquilo (comunicar-se, representar o pensamento). Quando falamos em meio ambiente da língua, estamos nos referindo ao *locus* dessas inter-relações, que pode ser natural, mental ou social.

A Linguística Ecosystemática veio para mostrar que aquilo que já vinha sendo feito por diversas ciências parcelares pode ser integrado em um ponto de vista unificado, a visão ecológica de mundo. É bem verdade que a esmagadora maioria dos estudos ecolinguísticos se dedica a questões ambientais, à análise do discurso dos poluidores que querem se passar por amigos do meio ambiente, entre outros. No contexto da nova visão de mundo, é possível estudar não só a exterioridade

linguística (*exoecologia linguística*), mas também sua interioridade (*endoecologia linguística*). Ela pode valer-se de especialistas da área que interessa no momento. Os resultados obtidos são avaliados linguístico-ecossistemicamente, de acordo com a *ecometodologia*, brevemente discutida mais abaixo (GARNER, 2005).

#### 4. A ECOLOGIA DA INTERAÇÃO COMUNICATIVA

A Ecolinguística concorda com a tese de Bakhtin de que o núcleo da realidade linguística é a interação verbal. A língua nasce, vive e morre na interação. Sem pessoas tentando se entender, não teria havido o surgimento de nenhuma das línguas por nós conhecidas. A língua está viva enquanto é usada em atos de interação comunicativa, se ainda há pelo menos duas pessoas que interajam por meio dela em situações normais de vida. A partir do momento em que uma delas morre, a língua também morreu. A presença de um único indivíduo que tenha conhecimento do que foi uma língua não é suficiente para considerá-la viva, pois ele não tem com quem interagir comunicativamente. Por esses outros motivos o cerne da Linguística Ecológica é a *ecologia da interação comunicativa* (EIC).

Num momento inicial, o falante é uma pessoa ( $p_1$ ) da comunidade de fala e o ouvinte ( $p_2$ ) seu interlocutor. Na situação prototípica,  $p_1$  (como falante) faz uma solicitação a  $p_2$  (como ouvinte). Em seguida,  $p_2$  atende-a, nesse momento já como falante de nível 2 ( $F_2$ ), e  $p_1$  como ouvinte de nível 2 ( $O_2$ ). E assim a *interação comunicativa* pode se desenrolar com uma troca cíclica de papéis, *ad libitum*.

Para a Linguística Ecológica, as *regras interacionais* são mais importantes do que as *regras sistêmicas* (gramática). A seguir, apresentamos as 15 regras interacionais que já conseguimos detectar, observando a Análise da Conversação, a Pragmática, a Linguística Interacional e outras. Como se verá, algumas são de natureza social, como as de número 7 e 14. As de número 1 e 2 são proxêmicas, ao passo que as dos números 3, 9 e 10 são cinésicas. As regra 4 e 6 são de cunho paralinguístico. E assim por diante. Trata-se de uma questão que ainda aguarda pesquisas mais aprofundadas. A seguir, temos a lista das 15 regras interacionais.

## REGRAS INTERACIONAIS

- 1) F e O ficam próximos um do outro; a distância varia de uma cultura para outra ou conforme as circunstâncias.
- 2) F e O ficam de frente um para o outro.
- 3) F e O devem olhar para o rosto um do outro, se possível para os olhos.
- 4) F deve falar em um tom de voz mediano: alto demais será agressivo; baixo demais, inaudível.
- 5) a uma solicitação deve corresponder uma satisfação.
- 6) tanto solicitação quanto satisfação devem ser formuladas em um tom cooperativo, harmonioso, solidário, com delicadeza.
- 7) a solicitação deve ser precedida de algum tipo de pré-solicitação (por favor, oi etc.).
- 8) a tomada de turno: enquanto um fala, o outro ouve.
- 9) se o assunto da interação for sério, F e O devem aparentar um ar de seriedade, sem ser sisudo, carrancudo; se for leve, um ar de leveza, com expressão facial de simpatia (leve sorriso, se possível); a inversão dessas aparências pode parecer irônica, antipática, não receptiva etc.
- 10) F e O devem manter-se atentos, “ligados” durante a interação, sem distrações, olhares para os lados.
- 11) durante a interação, F e O de vez em quando devem sinalizar que estão atentos, sobretudo na interação telefônica, que ainda “estão na linha”.
- 12) em geral, é quem iniciou a interação que toma a iniciativa de encerrá-la; o contrário pode ser tido como não cooperativo, não harmonioso.
- 13) adaptação mútua: F deve expressar-se como acha que O entenderá e O interpretará o que F disse como acha que é o que ele quis dizer.
- 14) o encerramento da interação comunicativa não deve ser feito bruscamente, mas com algum tipo de preparação; quem desejar encerrá-la deve sinalizar essa intenção (tá bom, tá, é isso etc.).
- 15) *Regras sistêmicas* (inclui toda a gramática).

Salta aos olhos que a regra de número 15 na verdade é um conjunto de regras, a gramática. Aí vem a pergunta: por que elas foram incluídas como a regra 15? Simplesmente porque a língua é interação verbal. Tudo nela é de cunho interacional e até inter-relacional. As chamadas regras da gramática existem para garantir o entendimento. Se estivermos na África e ouvirmos uma informação fragmentada como “leão”, “caçador” e “matar”, não sabemos se foi o leão que matou o caçador ou o caçador que matou o leão. Por isso, os formadores do português (e de todas as línguas românicas e de muitas outras da Europa e do mundo) firmaram um consenso ao longo do tempo de que o que vem antes do verbo é agente da ação indicada por ele e o que vem depois dele é o paciente, com a ressalva de que, conforme o contexto, essa regra pode ser infringida. A frase pode ser então *caçador mata leão*. Os criadores do português sentiram necessidade também de explicitar se se trata de *leão* e *caçador* conhecidos (dele e/ou do ouvinte), indicando-o mediante o artigo definido: *o caçador mata o leão*. Mas, na nossa cultura, só diríamos *o caçador mata o leão* como algo que estivesse acontecendo no momento da interação ou uma ação que fosse a de se esperar. Se o falante quisesse dizer ao seu interlocutor que sabe que o caçador matou o leão, o verbo teria que ir para o passado, pois, em nossa cultura só se narra um fato depois de ele ter acontecido: *o caçador matou o leão*. Outras línguas têm outras estratégias para indicar isso, como o latim que o faz mediante flexão em casos (nominativo, acusativo etc.) e o japonês, em que essas funções são indicadas por partículas. Por esse motivo, a ordem das palavras nessas duas línguas não é tão rígida como no português, em que uma mudança de ordem muda toda a natureza do evento. Veja-se a formulação *o leão matou o caçador*.

Mesmo em línguas de ordem fixa, pode-se alterar a ordem dos constituintes para determinadas finalidades, conforme o que se queira considerar tema ou rema. Suponhamos que alguém pergunte? *Cadê o leão?* Diante do que já sabemos, o falante pode dizer *o leão, o caçador matou* (após *leão* há uma pequena pausa e uma ligeira elevação da entoação). Nesse caso, a “estrutura subjacente” continuaria sendo sujeito-verbo-objeto, pois é ela que serve de parâmetro para se entender o que *o leão, o caçador matou* quer dizer. O que essa transposição do

objeto para o início da oração indica é algo como “o leão sobre o qual você está perguntando [pausa] o caçador matou [-o]”.

Enfim, a gramática existe também, mas não como o núcleo da linguagem, como quer a Gramática Gerativa. Ela é uma auxiliar da interação, e não a mais importante. Tanto que há interações que prescindem dela, como a que se deu entre os membros da esquadra de Cabral, em Porto Seguro, em 1500 (COUTO, 2003) ou o que se dá entre pessoas de línguas diferentes, mas que compartilham algum vocabulário. Na formação dos pidgins e crioulos é isso que ocorre.

## 5. COMUNHÃO

Não há interação eficaz, mais especificamente, não há interação comunicativa sem algum tipo de comunhão prévia. Imaginemos um minidiálogo entre um transeunte e um visitante da sua cidade. O visitante jamais diria, de supetão: onde fica a rua Tiradentes? Normalmente, faz a pergunta ser precedida de algo como: por favor! Ao dizer isso, faz com que o transeunte entre em comunhão com ele, momento em que as chances de ser bem atendido são bem grandes. Obtida a informação, o solicitante não vira as costas simplesmente e vai embora. Pelo contrário, ele procura encerrar essa mini-interação com um obrigado!, ao que o transeunte certamente responde: de nada. O solicitante só partiria de fato após dizer algo como tchau!, a que o transeunte corresponderia com a mesma expressão. O termo ‘comunhão’ começou a ser usado nesse contexto sob o rótulo de comunhão fática, com o antropólogo (MALINOWSKI, 1972). Jakobson (1969) retomou o assunto sob a forma de sua função fática, que, segundo ele, visa a abrir o canal de comunicação, mantê-lo aberto e fechá-lo. É exatamente o que aconteceu na mini-interação que acabamos de ver. Enfim, comunhão é um conceito muito importante na Linguística Ecológica.

Como já sugere sua origem religiosa, *comunhão* é um estado de espírito que vai no sentido da solidariedade, da benevolência, de as pessoas de um grupo estarem satisfeitas por simplesmente estarem juntas. É um compartilhamento, não importa de quê. Todos estão juntos, não necessariamente trocando palavras, mas compartilhando um objetivo comum. Pessoas em oração coletiva, melhor, toda ação

coletiva pressupõe um estado de espírito comunal. Um grupo de indivíduos que se veem em um elevador ficam constrangidos por estarem espremidamente juntos, mas não compartilham nada. O mal-estar se deve a essa ausência de comunhão. Tanto que sempre que chega o andar de um deles, ele cai fora o mais rápido possível, sentindo um alívio. Porém, se o elevador parar, eles passam a ter algo em comum, como a própria sobrevivência, preocupação com a escuridão, com raridade de oxigênio etc. Com isso, entram em comunhão na marra, diferente da comunhão que vimos entre os dois transeuntes.

Enfim, a comunhão é um pressuposto para tudo na linguagem, inclusive a interação comunicativa. Tanto que até mesmo entre os portugueses e os tupinambás houve atos de comunhão em Porto Seguro, em 1500. Trata-se de uma *interação comunal*. Até no nível da comunidade de língua há comunhão. Por exemplo, todos os indivíduos que constituem comunidade de língua portuguesa sentem-se membros dessa comunidade, compartilham o conhecimento e o uso dela. Sabem que sempre que se dirigirem a qualquer indivíduo da comunidade deverá agir dessa ou daquela forma, que certamente será atendido etc. A comunidade de língua existe porque seus membros se sentem em uma espécie de *comunhão sistêmica*, por falta de termo melhor. Enfim, a comunhão é uma interação, porém, quase que só mental, pois, não precisa ser exteriorizada. Em Couto (2003) há muitas outras informações sobre esse conceito.

## 6. ALGUMAS ÁREAS DE PESQUISA NA ECOLINGUÍSTICA

Tendo tudo isso em mente, e levando em conta o que se vê nas coletâneas já publicadas, nota-se que a Ecolinguística apresenta pelo menos as seguintes subáreas e/ou linhas de investigação: Ecolinguística Crítica, Análise do Discurso Ecocrítica, Linguística Ambiental, Ecolinguística Dialética, Linguística Ecosistêmica, Análise do Discurso Ecológica, Ecologia das Línguas, Etnoecologia Linguística, Ecologia da Evolução Linguística, Ecologia da Aquisição de Língua, Biodiversidade e Linguodiversidade. Essa lista certamente não está completa dada a vastidão dos domínios de interesse da Ecolinguística. Vimos que ela pretende ter uma visão não linear, não fechada, não

parcial dos fenômenos da linguagem, vale dizer, uma visão holística. Com isso, o cético e o crítico poderiam perguntar se ela pretende ser uma “teoria de tudo linguístico”, como na Teoria de Tudo (*Theory of Everything*) da Física. Na verdade, ela nos fornece um novo ponto de vista para estudar os fenômenos em questão. A expressão ‘ponto de vista’ precisa ser sublinhada. Ela indica uma nova maneira de encarar o mundo. Temos que mudar nossa postura a fim de sermos verdadeiros ecolinguistas. Praticar ciência da perspectiva cartesiano-newtoniana (Sociolinguística, Psicolinguística, Funcionalismo, Gramática Gerativa etc.), de filiação aristotélica, seria agir como alguém que encara o mundo a partir de uma janela. Ele consegue ver poucas coisas, mas em detalhe, tem uma visão microscópica delas. Praticar ciência assumindo a postura ecológica é colocar-se no topo do telhado da casa, de onde tem uma visão englobante, holística do campo; pode ver mais coisas, mesmo não podendo ver detalhes de cada uma. É estar em sintonia com a nova visão de mundo introduzida já na segunda década de século XX, com a Teoria da Relatividade e a Mecânica Quântica. É estar em sintonia com perspectivas mais modernas como a Teoria dos Sistemas, a Teoria do Caos a visão oferecida pela matemática dos fractais etc. Como disse Michael Löwy (1978), infelizmente viesado pela ideologia marxista, há pontos de vistas privilegiados, como o do topo da casa. Portanto, quem aí se põe tem uma visão de conjunto de seu objeto de estudo. Se precisar estudar microscopicamente um deles em especial, faz um *zoom* mediante o uso de uma das diversas subáreas da Ecolinguística recém-mencionadas, e até de outras ciências se necessário, com o que conseguirá estudar detalhes finos desse objeto. Terminado isso, ele volta ao topo da casa, à visão ecológica no nosso caso, e avalia os resultados obtidos no contexto dessa visão holística. Enfim, como se costuma dizer, ele pode até estudar uma árvore (e até partes dela), mas sem se esquecer de que ela faz parte de uma floresta (GARNER, 2005).

Esse procedimento tem implicações metodológicas sérias. Alguém perguntou a Hildo Couto em um encontro ecolinguístico qual era a metodologia da Ecolinguística. Sem pensar muito, respondeu que a metodologia era dada pelo objeto sob investigação. Logo a seguir, ficou temeroso de ter dito algo despropositado. Posteriormente, refletindo

melhor sobre o assunto constatou que não há outra saída. Se nossa disciplina busca o auxílio técnico de diversas outras, ela é mais que trans- e interdisciplinar, é multidisciplinar. Vale dizer, a metodologia que ela usa empiricamente é a da disciplina de que estiver se servindo no momento para uma análise microscópica. Quando o ecolinguista retorna ao ponto de vista holístico assume a *ecometodologia*. É como o engenheiro que planeja o carro. O especialista em disciplinas parcelares é como o mecânico. Há momentos em que o engenheiro precisa do mecânico. No entanto, assim que este repara o defeito do automóvel, o engenheiro precisa reassumir sua postura abrangente e se conscientizar do funcionamento total do veículo.

## 7. LINGUÍSTICA ECOSISTÊMICA CRÍTICA OU ANÁLISE DO DISCURSO ECOLÓGICA (ADE)

A primeira vez que a expressão análise do discurso ecológica apareceu em um texto publicado foi em Alexander e Stibbe (2014), embora Couto (2013) já a tivesse proposto na internet. No ano seguinte, apareceu Couto (2014), bem mais elaborado. Trata-se de uma extensão da Linguística Ecológica para se estudarem questões de textos e discursos, motivo pelo qual o nome inicial que recebeu foi *Linguística Ecológica Crítica*, por sugestão da Análise do Discurso Crítica e da Ecolinguística Crítica. Mas, o nome mais usado atualmente é *Análise do Discurso Ecológica* (ADE). Aqui vamos dar apenas um breve apanhado geral desse ramo da Linguística Ecológica.

A esmagadora maioria dos trabalhos em Análise do Discurso, de todos os matizes, parte consciente e explicitamente de uma postura ideológica. As relações postas em relevo no objeto de análise são, portanto, as relações de poder dela decorrentes. O grande problema com essas análises é que a ideologia em geral é consciente e explicitamente marxista. Pois bem, apesar de defender várias ideias aceitas pela visão ecológica de mundo, o marxismo apresenta pelo menos umas três características que ela não aceita. A primeira delas é a ênfase no conflito, sendo que ecologicamente se valoriza a harmonia, o somar, não o dividir. A segunda é o antropocentrismo, mesmo que sob o rótulo de “humanismo”. Com isso, os humanos seriam os reis da criação, estando



os demais seres aí apenas para servi-los, portanto, podem usar e abusar deles, inclusive matá-los por prazer, como na caça e na pesca lúdica. A terceira é a ditadura do proletariado. Ora, ditadura é mal-vinda, venha de onde vier, venha em que nome vier. Uma quarta característica é a ênfase no econômico, sendo que a visão ecológica de mundo subordina o econômico ao ecológico.

Um exemplo de análise a que se tem dado muita atenção nos escritos sobre ADE é a situação da mulher que apanha do marido que chega bêbado em casa todos os dias, chegando em alguns casos a matá-la. A AD tradicional encara o fato ideologicamente, inserindo-o no contexto de uma herança do patriarcalismo, em que o homem detém todo o poder sobre a mulher, podendo perpetrar barbaridades como essas. Muito bem, tudo isso é verdade. A grande questão é que atacando o problema por esse lado, estamos opondo a mulher ao homem, estamos implicitamente enfatizando o conflito. A ADE também defende a mulher, mas não por ser mulher, oposta ao homem, mas por ser um ser vivo que sofre. Defende-a partindo de uma causa muito maior do que a justa luta das feministas. Com isso, consideramos a mulher igual ao homem, ou vice-versa. O homem não é um antagonista dela. Os dois estão no mesmo barco da luta pela vida.

Um dos pontos de honra, nucleares da ADE é a defesa intransigente da vida, sob todas as suas formas. Correlatamente, vem uma luta constante e incansável contra tudo que possa trazer sofrimento. As questões ideológicas e de poder estão subordinadas a esses dois princípios. Aliás, se quisermos falar em ideologia nesse contexto, poderíamos dizer que se trata de uma ideologia da vida, ideologia ecológica ou *ecoideologia*, embora esses rótulos sejam de somenos importância.

## 8. ECOLINGUÍSTICA COMO NOVA MANEIRA DE SE FAZER LINGUÍSTICA

Já dissemos acima que cada uma das ciências parcelares disponíveis mostra o que é possível ver a partir de uma janela. Elas fazem um recorte no complexo que é o fenômeno da linguagem e investigam questões às vezes até mesmo microscópicas. Tudo isso é muito bem-vindo e muito importante. No entanto, fica no nível que

a ciência atingiu com a filosofia cartesiana e a mecânica newtoniana. É muito preciso, mas muito limitado. Não consegue ver o fenômeno em sua integralidade. A Ecolinguística, sobretudo a Linguística Ecológica, nos oferece o panorama que se mostra a partir da cumeeira da casa, ou até mesmo do alto da montanha. Hoje poderíamos dizer até mesmo a partir de um satélite. Como já foi também salientado, essa visão holística não dá conta das especificidades da linguagem, entre elas algumas bastante finas, como as da estrutura fonológica, da morfológica e da sintática. Mas, quem tem essa visão pede o auxílio de um especialista nessas áreas. A seguir, ele avalia os resultados por obtidos partindo da visão ecológica de mundo. Alguns ecolinguistas são, eles próprios, especialistas em uma área específica, em tal caso eles podem efetuar a análise microscópica específica e voltar à cumeeira a fim de analisar os dados obtidos.

O mais importante em tudo isso é que a visão ecológica de mundo perfilhada pela ADE pressupõe uma mudança de postura. É preciso mudar nosso modo de ver o mundo, mudar o foco. Diz-se que Einstein teria afirmado que é mais fácil cindir o átomo do que mudar a opinião de alguém. De qualquer modo, para se praticar Ecolinguística e qualquer uma de suas ramificações, é necessário mudar. Do contrário, seríamos pseudoecolinguistas. Para ser um bom ecolinguista, ninguém precisa deixar o que fazia antes. Se era um fonólogo, pode continuar a fazer fonologia, além da Ecolinguística, mesmo usando metodologias cartesiano-newtonianas, embora hoje em dia haja modelos fonológicos com muitas afinidades com a visão ecológica de mundo, como se pode ver em Lima Jr. (2012). O mesmo vale para as demais especialidades linguísticas. Para mais discussão sobre a visão ecológica de mundo, pode-se consultar as obras de Fritjof Capra.

## 9. OBSERVAÇÕES FINAIS

A Ecolinguística e, com mais razão, a Linguística Ecológica, juntamente com a Análise do Discurso Ecológica, já foi chamada de mais um modelo linguístico no mercado. Na seção imediatamente anterior, vimos que não é bem assim, que se trata de uma nova maneira de se fazer ciência, em consonância com a visão de mundo trazida pela

Teoria da Relatividade, pela Mecânica Quântica, pela Ecologia, pelos sistemas complexos etc. Apesar disso, a Ecolinguística em geral não se adjudica o título de panaceia para os problemas linguísticos. Ela simplesmente procura encará-los a partir da nova visão de mundo instaurada pela ciência moderna.

Nós estamos firmemente convictos que a Ecolinguística representa uma ótima chance para os jovens pesquisadores fazerem algo de diferente e que não fique no nível da Mecânica Clássica. Vimos que até mesmo na análise de discursos, ele pode avaliar textos de uma perspectiva até aqui relegada segundo plano. Por exemplo, recentemente foi defendida uma tese comentando notícias sobre a Usina Belo Monte. O autor comentou e criticou minuciosamente os prejuízos materiais, os interesses econômicos e políticos envolvidos, a ideologia subjacente a tudo isso. Só não deu relevo, e às vezes até ignorou, ao fato de que a criação da usina provocou a morte de centenas de espécies vegetais e animais que viviam nas áreas que foram alagadas, inclusive microorganismos. Ignorou que o alagamento trouxe sofrimento para os ameríndios que habitavam a região, pois era do rio que tiravam o sustento, motivo pelo qual o consideravam sagrado. Ignorou que a barragem impede a piracema, que garante a reprodução das diversas espécies de peixe ao longo de todo o rio e assim por diante. Um especialista em ADE inverteria toda a direção da análise, enfatizando justamente a defesa da vida e lutando contra um monstro que traz sofrimento para tantas espécies, inclusive para ribeirinhos não índios. As questões ideológicas, políticas e econômicas são as últimas a serem consideradas, não as primeiras.

Como alguém já disse, contrariamente ao que acontece em ciências como a Física e a Química e, sobretudo, a Farmacologia, não se descobrem fatos novos em ciências sociais, uma vez que eles são criados pelos membros da comunidade e por eles conhecidos. O que se pode fazer é dar uma interpretação melhor a fatos já conhecidos. Nós acreditamos que há novidade na interpretação ecolinguística, mesmo que os fatos já tenham sido analisados por algumas ciências parcelares.

## ECOLINGUISTICS, ECOSYSTEMIC LINGUISTICS, AND ECOLOGICAL DISCOURSE ANALYSIS

### ABSTRACT

The ecological paradigm has been followed by representatives of practically all social sciences. Because of this, the main objective of this essay is to show how it has been applied to the study of language phenomena as well, under the name of Ecolinguistics. We begin by giving an overview of what has been done up to now. We also present the version of this young discipline called Ecosystemic Linguistics, whose name is due to the fact that it departs from the ecological view of the world, seen not only in Biological Ecology but also in Social and Philosophical Ecology, as is the case with Deep Ecology. Then, the text presents the still younger Ecological Discourse Analysis (EDA). Differently from traditional discourse analysis, EDA follows ecoideology, not traditional political ideologies, nor the power relations they imply. It does not ignore them. On the contrary, it includes them in the wider framework of ecoideology, which defends the life of all living beings and struggles against everything that may cause suffering to them. By doing this, EDA emphasizes harmony, not conflict as it is traditionally done.

KEYWORDS: Ecolinguistics, Ecosystemic Linguistics, EDA, Harmony.

---

## ECOLINGÜÍSTICA, LINGÜÍSTICA ECOSISTÉMICA Y ANÁLISIS DEL DISCURSO ECOLÓGICO (ADE)

### RESUMEN

el paradigma ecológico ya ha sido seguido por representantes de prácticamente todas las ciencias sociales. Por eso, el propósito de este ensayo es mostrar cómo se ha aplicado en el estudio de los fenómenos lingüísticos, bajo el nombre de Ecolingüística. Comenzamos presentando una visión general de las iniciativas en ese sentido. A continuación, presentamos en relativo detalle la versión de la joven asignatura llamada Lingüística Ecosistémica, cuyo nombre se debe al hecho de que parte de la visión ecológica del mundo, especificada no sólo en la Ecología Biológica, sino también en la Ecología Social y en la Ecología Filosófica, como la Ecología Profunda. El texto se completa con una exposición de la, aún más joven, Análisis del Discurso Ecológica (ADE) que, a diferencia del análisis del discurso tradicional, enfatiza la vida (de todo tipo) y la lucha contra todo lo que pueda traer sufrimiento a los seres vivos. Si las

ideologías son inevitables, la ADE apoya la ecoideologia, no las ideologías políticas con sus relaciones de poder. Ella no ignora esas ideologías, pero no las toma como el aspecto más importante. En lugar del conflicto implícito en ellas, la ADE enfatiza la armonía.

PALABRAS-CLAVE: Ecolingüística, Lingüística Ecosistémica, ADE, Armonía.

## 10. REFERÊNCIAS

ALEXANDER, Richard; STIBBE, Arran. From the analysis of ecological discourse to the ecological analysis of discourse. *Language sciences* 41, p. 104-110, 2014.

BANG, Jørgen Christian; DØØR, Jørgen. *Language, ecology and society*. Londres: Continuum, 2007.

BASTARDAS-BOADA, Albert. *Ecologia de les llengües*. Barcelona: Proa, 2000.

BOFF, Leonardo. *As quatro ecologias: ambiental, política e social, mental e integral*. Rio de Janeiro: Editora Mar de Ideias, 2012.

COSERIU, Eugenio. *Sincronia, diacronia e história*. Rio de Janeiro: Presença/EDUSP, 1979.

COUTO, Hildo Honório do. Portugueses e tupinambás em Porto Seguro, 1500: interação, comunhão e comunicação. In: RONCARATI, Cláudia; ABRASSADO, Jussara (Org.). *Português brasileiro - contato linguístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: 7 Letras, p. 253-271, 2003.

\_\_\_\_\_. *Ecolinguística: estudo das relações entre língua e meio ambiente*. Brasília: Thesaurus, 2007.

\_\_\_\_\_. *Ecologia, linguística e ecolinguística*. São Paulo: Contexto, 2009.

\_\_\_\_\_. Análise do discurso ecológica (ADE). 2013. Disponível em: <<http://meioambienteelinguagem.blogspot.com.br/2013/04/analise-do-discurso-ecologica.html>>. Acesso em: 23 dez. 2013.

\_\_\_\_\_. Linguística ecosistêmica crítica ou análise do discurso ecológica. In: COUTO, Elza N. N. do, DUNCK-CINTRA, Ema M.; BORGES, Lorena A. O. (Org.). *Antropologia do imaginário, ecolinguística e metáfora*. Brasília: Thesaurus, p. 27-41, 2014.

DORING, Martin; PENZ, Hermine; TRAMPE, Wilhelm (Org.). *Language, signs and nature: Ecolinguistic dimensions of environmental discourse*. Tübingen: Stauffenburg, 2008.

FILL, Alwin. *Sprachökologie und Ökolinquistik*. Tübingen: Stauffenburg Verlag, 1996.

\_\_\_\_\_; Mühlhäusler, Peter (Org.). *The ecolinguistics reader*. Londres: Continuum, 2001.

FILL, Alwin; PENZ, Hermine; TRAMPE, Wilhelm. *Colourful green ideas*. Berna: Peter Lang, 2002.

FINKE, Peter. Sprache als missing link zwischen natürlichen und kulturellen Ökosystemen. Überlegungen zur Weiterentwicklung der Sprachökologie. In: FILL, Alwin. (org.) *Sprachökologie und Ökolinquistik*. Tübingen: Stauffenburg Verlag, 1996. p. 27-48.

\_\_\_\_\_. Identity and manifoldness: New perspectives in science, language and politics. In: Fill, Alwin; Mühlhäusler, Peter (Org.). *The Ecolinguistics reader, language, ecology and environment*. Londres: Continuum, 2001. p. 84-90.

GARNER, Mark. 2004. *Language: An ecological view*. Oxford: Peter Lang.

MALINOWSKI, Bronislaw. O problema do significado em linguagens primitivas. In: OGDEN, C. K.; RICHARDS, I. A. *O significado de significado*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, p. 295-330, 1972.

HAUGEN, Einar. *The ecology of language*. Stanford: Stanford University Press, 1972. p. 325-339.

JAKOBSON, Roman (1960). Linguística e poética. *Linguística e comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1969.

LIMA JR., Ronaldo Manguera. *A influência da idade na aquisição da fonologia do inglês como língua estrangeira por brasileiros*. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

LÖWY, Michael. *Método dialético e teoria política*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2. ed., 1978.

MAFFI, Luisa (Org.). *On biocultural diversity: linking language, knowledge and the environment*. Washington: Smithsonian Institution Press, 2001.

MAKKAI, Adam. *Ecolinguistics: ¿Toward a new \*\*paradigm\*\* for the science of language?* Londres: Pinter Publishers, 1993.

MUFWENE, Salikoko. *The ecology of language evolution*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

ODUM, Eugene P. *Fundamentals of ecology*. 3. ed. Philadelphia: W. B. Saunders Company, 1971.

SAPIR, Edward. Língua e ambiente. *Linguística como ciência*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1969. p. 43-62.

TRAMPE, Wilhelm. *Ökologische Linguistik*. Opladen: Westdeutscher Verlag, 1990.

---

Submetido em 12 de maio de 2015.

Aceito em 08 de setembro de 2015.

Publicado em 23 de novembro de 2016.

---

